EDITORIAL

O tempo pró-tempore, seu significado, a presença de Pedro Aleixo

A Revista Entre-Lugar apresenta a todos/as o primeiro número de 2022, sua vigésima quinta edição. Por mais uma vez, como registrado nas outras edições, a publicação é resultado do empenho dos pareceristas, dos autores e do apoio técnico recebido da Editora da UFGD, a qual tem dedicado esforços para manter a qualidade e o funcionamento do portal de periódicos, afinal, as adversidades, a supressão dos recursos destinados as universidades públicas, demonstraram-se como fatos verdadeiros por mais uma vez - infelizmente. No editorial do v.12, n. 24 de 2021 registramos aspectos deste cenário, o qual se agravou – o que nem é uma surpresa frente ao quadro político atual. Dados o Observatório do Conhecimento[1] estimam que ao final de 2022 as perdas orçamentárias no âmbito daquilo que se denomina de "orçamento do conhecimento", que inclui ciência & tecnologia e educação, podem chegar a 98,8 bilhões de reais. Uma tragédia posta que corrói o presente, tenta suplantar o passado e compromete a existência de futuro, esse um tempo que há de vir a sua própria sorte.

Esta edição coincide o retorno das aulas presenciais na UFGD nos níveis de graduação e pós-graduação. O retorno se demonstrou (tem se demonstrado) um desafio para todos da universidade - acadêmicos, técnicos e docentes. A ampliação da cobertura vacinal permitiu (tem permitido) o retorno e a convivência nas áreas comuns da universidade; uma retomada silenciosa em certo ponto marcada por melancolia e dor em contraposição a um olhar de otimismo para o futuro – afinal a universidade deve ser o local de um futuro melhor.

Os reflexos da pandemia e as condições conjunturais do país se fizeram presentes de forma intensa e clara após dois anos (2020 e 2021) de atividades remotas, síncronas e assíncronas. O número de acadêmicos em condições de vulnerabilidade social aumentou no âmbito da universidade e a evasão foi evidenciada em todos os cursos e programas de pós-graduação – não há como negar isso. Soma-se a queda significativa de inscrições registradas no processo de vestibular para ingresso no ano de 2022. Essas são

[1] Os dados citados estão presentes em: www.observatoriodoconhecimento.org.br .

as evidências do tempo pró-tempore cujos impactos negativos ainda não foram sentidos integralmente, seja agora ou mesmo no futuro.

No tempo pró-tempore a universidade pensada quando da criação da UFGD, cujos os princípios de inclusão social e desenvolvimento regional foram orientadores, não conseguem sinergia para seguir na missão e no alcance dos valores que se fazem presentes no seu PDI (2013-2017), cita-se: *"...formando profissionais e cidadãos capazes de transformar a sociedade no sentido de promover desenvolvimento sustentável com democracia e justiça social."*

É no contexto relatado que surge PEDRO ALEIXO, que sua presença se faz – infelizmente. Explicamos. O AI-5 (Ato Institucional número 5) foi institucionalizado na noite de 13 de dezembro de 1968. Na ocasião os membros do Conselho de Segurança do então regime militar se reuniram no Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, convocados pelo presidente, o general Artur da Costa e Silva. Pedro Aleixo era o vice-presidente, foi o único que votou contrário. Quando questionado verbalizou uma frase que ficou eternizada e que veio a refletir o cenário de violência tomou conta do país nos anos que se seguiram:

> "Não é o presidente que eu temo, mas, quando o arbítrio e o autoritarismo se instalam no topo da cadeia, eles descem em cascata até o guarda da esquina, e a esse eu temo. Então, não assino".

Frente a síndrome do guarda da esquina não podemos deixar de registrar o assassinato do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira. Não podemos esquecer de outras perdas, outros assassinatos cometidos no mesmo espectro, as mortes de Ezequiel, Paulo Paulino, Zezico, Guajajara, Dorothy e Chico Mendes. Mortes que se somam a tantas outras em um cenário obtuso de barbárie em um país elitista e desigual que ainda reluta em adentrar ao século XXI, cujas raízes de seu passado perverso, escravocrata, da exploração perversa, não se desfaz. Dados da Global Witness[2] registram que o Brasil é o quarto em número de assassinatos ativistas, um lugar no qual

[2] Para outras informações recomendamos acessar: www.globalwitness.org

para alguns a produção da ciência em vários aspectos ou a proteção dos povos originários ou o jornalismo é rotulado como uma "aventura" e seus protagonistas são "malvisto".

Temos que lembrar, no Mato Grosso do Sul, estado que tem a segunda maior população indígena e a pior distribuição de terras do Brasil, a incidência de violência com a população indígena é um fato[3]; as mortes registradas, os atos de violência cometidos não se dão por aqueles que estão nos cargos de poder, na esfera de representação do Estado, e sim por aqueles que se sentem representados e incentivados pela guarida que prevalece. Para que não esqueçamos, registremos, a morte brutal de Vítor Fernandes do povo Kaiowá, no município de Amambai (MS), no dia 24 de junho de 2022. Sua morte é resultado daquilo proferido por Pedro Aleixo; decorrente de sua luta, pela retomada do território Guapoy. Que possamos pensar que esse tempo autocrático se finde em breve.

Pensando no tempo de forma distanciada do tempo pró-tempore-pandêmico; pensando na poesia de Mario Quintana, não podemos deixar "*...de fazer algo de que gosta*(mos) *devido à falta de tempo"* - mas isso não nos impede de olhar para aqueles que insistem em nos roubá-lo - falemos da capa desta edição. Na elaboração da capa buscamos manter a ideia central preconizada no título da revista o Entre-Lugar, as figuras dos textos presentes nesta edição foram usadas como hachuras, o logotipo da revista assim ganhou a dimensão daquilo que está edição preconiza – esse é um exercício que temos realizado nas últimas edições a fim de fortalecer a identidade visual da Entre-Lugar. Como sempre, não há uma exatidão métrica, a ideia do preenchimento do Entre-Lugar prevalece, cabe aos leitores e aos autores analisarem e tomarem para si os significados que a construção gráfica possa evidenciar de forma lógica e mesmo subjetiva. A frase da capa[4], ela revela a Seção Temática em si, cujo tema Paisagem traz consigo aspectos multifacetados da Geografia, as vezes teórica-conceitual, as vezes de aplicação.

A edição conta com editor convidado, o professor Rafael Brugnolli Medeiros, o qual auxiliou na coordenação e organização da Seção Temática **"Métodos e Técnicas**

[3] Dados sobre a violência cometida contra as populações indígenas no Brasil podem ser verificados em: https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia

[4] A frase da capa é de autoria do professor Paulo Cesar da Costa Gomes e está presente no livro de sua autoria "Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar", na página 89. A primeira edição do livro foi publicada pela Editora Bertrand Brasil em 2017.

para o estudo da Paisagem", e assina também este editorial. A Seção Temática trata-se de uma contribuição que revelou a possibilidade de distintos de olhares, abordagens e leituras da Paisagem, por métodos, técnicas e teorias que permeiam e reforçam a polissemia de seu conceito como categoria de análise na Ciência Geográfica.

A proposição de seções temáticas tem se demonstrado profícuas, experiências que tem permitido articular reflexões, debates e a socialização da produção científica e intelectual, contribuindo para a criação de conhecimento na Geografia e em áreas correlatas. Colaborar com os leitores possibilitam-nos pensar sobre formas de trazer diferentes pesquisas, cotidianos e redes de temáticas específicas e de interesses dos leitores da REL.

Não podemos deixar de registrar o trabalho primoroso realizado pela doutoranda Lidiane Perbelin Rodrigues, acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia, a qual devemos a conferência final das normas e a padronização dos textos segundo as diretrizes da REL.

Desta forma o primeiro número de 2022 da Revista Entre-Lugar apresenta aos seus leitores como sempre textos inéditos, oriundos de pesquisa realizadas em diversas partes do Brasil e em outros paises. O texto de abertura. "**Meu corpo é meu território": por uma abordagem do corpo como território**" apresenta uma possibilidade de interpretação e investigação geográfica a partir do corpo, sobretudo, do corpo de pessoas LGBTQIA+, uma temática recente na Geografia. Nele o território-corpo se evidencia. Nas palavras do autor "o território compreendido enquanto frações de disputas, conflitualidades, resistências e contra-resistências, se expressa e se materializa nos diferentes corpos sob diferentes intencionalidades". Elaborado a partir de entrevistas observa-se caminhos para o aprofundamento desta temático junto a Geografia.

O segundo texto, **"Políticas públicas espaciais e a zona de fronteira Brasil/Bolívia: analisando os discursos escritos do Mestrado em Estudos Fronteiriços (MEF) para propor a criação de uma Secretaria de Relações Internacionais (SRI)"** o território se faz presente novamente, agora no contexto das políticas públicas. De caráter bibliográfico documental o artigo propõe um diálogo sobre

as demandas observadas na fronteira, destacando a importância da produção do conhecimento científico como um instrumento de proposição e de mudança social.

"**Dinâmicas territoriais: destruição e constituição de territórios castanheiros no povoado Fortaleza, São Geraldo do Araguaia (PA)**" desta vez o território, sua desterritorialização e a multiterritorialidade de sujeitos muitas vezes invisibilizados estão no debate, trazendo a essência da espacialidade geográfica. Uma contribuição que permite compreender um pouco do universo amazônico para além daquele midiático e/ou presentes nos projetos de desenvolvimento economicistas; nele os sujeitos-castanheiros são revelados a partir das precariedades do trabalho e das riquezas que os envolvem.

Em seguida temos o artigo "**O ensino de Geografia em escolas do campo em Dourados (MS), o olhar dos professores de Geografia, discurso e pratica**", nele as políticas públicas se dão no âmbito da educação e se vê a importância do Estado. A política educacional, elaborada nos governos Lula (2003-2006, 2007-2010), e, implementada no governo Dilma Roussef (2011-2014) são evidenciadas e analisadas. O caráter empírico se faz presente no processo de análise, esse subsidia e permite compreender o papel do ensino de Geografia, estabelecendo relações dialógicas não horizontalizadas que inibem a compreensão completa do significado da modalidade educacional escolas do campo.

"Fragilidade ambiental como instrumento de planejamento ambiental em Unidades de Conservação: o caso da APA Serra da Piedade (MG)" traz a aplicação do conhecimento geográfico no âmbito do planejamento ambiental e na gestão territorial. Apresenta e discute a importância do monitoramento da fragilidade ambiental como um instrumento, uma ferramenta factível para o controle de impactos ambientais negativos e a proposição de ações concernentes e convergentes aos objetivos das unidades de conservação.

O artigo **"Spatial and temporal distribution of the annual parasite incidence of malaria in Brazil: a case study of Acre between 2003 and 2017"** fornece uma análise da evolução espacial e temporal das ocorrências de malária no Acre. Ainda no século XXI se observa que a malária como um grave problema de saúde pública no

Brasil. Os dados apontam um aumento na transmissão da malária e que não há uma homogeneidade. Um trabalho significativo em um momento histórico no qual Amazônia Legal Brasileira passa por transformações territoriais significativas e de grande impacto socioambiental.

A **Seção Temática** se inicia com uma importante e pertinente homenagem a um dos maiores professores que dedicou sua profissão com inúmeras pesquisas vinculadas à Geoecologia da Paisagem, Geossistemas e Análise Ambiental. **José Manuel Mateo Rodríguez** *(in memoriam)* se vincula a essa Seção Temática com um trabalho intitulado **"El analisis de los paisajes como fundamento para la planificación de los territorios",** publicado na I Jornada Científica Internacional sobre Planificación Regional y Urbana, celebrada em Havana em 1985. Uma obra que busca avaliar o papel da Teoria da Paisagem e os princípios, etapas, medidas e procedimentos para seu uso no planejamento territorial. Aqui registramos nossos agradecimentos ao professor Eduardo Salinas por resgatar o texto original e viabilizar sua publicação na REL.

Adentrando a um conceito muito trabalhado na Geografia, os Geossistemas se apresentam, no segundo artigo, de forma a contribuir com a arqueologia da paisagem, voltada ao registro e identificação de sítios arqueológicos, naquilo que os autores destacaram como "geossistemas atuais e ancestrais" em Andrelândia, município localizado no sul de Minas Gerais. O artigo **"Geossistemas vigentes e geossistemas ancestrais em Andrelândia, sul de Minas Gerais: aproximações metodológicas entre a abordagem geossistêmica e a arqueologia da paisagem"** busca a interpretação, classificação e cartografação dos geossistemas partiram de uma base geológica, relevo, solos, cobertura vegetal e uso da terra, e serviram de base para a definição dos geossítios. Uma excelente contribuição que mescla aspectos teóricos e metodológicos.

Os princípios advindos da teoria dos geossistemas seguem no terceiro artigo da Seção Temática. O artigo **"Estrutura e dinâmica de geossistemas locais numa área de exceção do semiárido brasileiro"** teve como objetivo utilizar a geoinformação como ferramenta de apoio à gestão ambiental, de modo a revelar unidades de paisagem em uma região de excepcionalidade edafoclimática do semiárido brasileiro. As unidades de paisagem definidas para um trecho do município de Triunfo, em Pernambuco,

possibilitaram reforçar a relevância da cartografia de paisagens, visto que as representações em escala de detalhe ainda não são abundantes no semiárido.

Adotando um viés metodológico e de apresentação de um modelo alternativo de avaliação da estrutura das paisagens, o artigo intitulado **"Avaliação das características regionais das paisagens - um modelo alternativo"** visa trabalhar em três paisagens distintas, com uma metodologia simplificada para fins de planejamento ambiental, utilizando a inter-relação da estrutura das paisagens e seus condicionalismos naturais. Pesquisa essa, realizada em conjunto com o Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Coimbra (CEGOT Portugal) e o Grupo "Estudos Regionais da Paisagem - GERA" da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Os dois próximos artigos da **Seção Temática** tiveram como área de estudo o município de Bonito, localizado no Mato Grosso do Sul. Bonito desvelado no estudo da Bacia Hidrográfica do Rio Mimoso na apresentação de um zoneamento ambiental sob a ótica geossistêmica e da cartografia de paisagem, e, também sob a ótica dos sujeitos, os quais revelaram olhares distintos sobre a paisagem dessa importante área do estado.

O "**Zoneamento ambiental da bacia hidrográfica do rio Mimoso, Bonito/MS: as contribuições da cartografia de paisagens e da ótica geossistêmica",** que discute sobre a utilização da cartografia dos geossistemas como passo fundamental para alcançar o zoneamento ambiental, de modo a aplica-lo em uma região complexa, com sistemas cárstico e terrígeno que traduzem à paisagem, estrutura, funcionamento e dinâmicas distintas. Assim, este artigo emerge propostas para um (re)ordenamento de uso das terras, reduzindo as mazelas sobre o contexto ambiental da bacia, sobretudo devido aos avanços da agricultura e pecuária sobre essa bacia hidrográfica.

O artigo **"A paisagem de Bonito em Mato Grosso do Sul, o passado e o futuro sob a ótica dos sujeitos"** visa, portanto, utilizar de uma metodologia baseada em entrevistas semi-dirigidas, realizadas com os moradores do município, analisando o discurso e buscando compreender as interações entre os sujeitos da paisagem e a natureza, sobretudo com os elementos que configuram as marcas das paisagens. Fatos que propiciaram demonstrar uma conscientização dos entrevistados acerca das alterações das

paisagens e seus conflitos socioambientais relacionados ao uso e ocupação do solo, além das divergências entre os moradores, o trade turístico e os proprietários de terras. O texto abrange a fenomenologia diante do olhar, reflexão e reconhecimento dos lugares, em uma íntima relação dos sujeitos sociais com o espaço, no papel da paisagem.

O último artigo da Seção Temática se vincula à **"Paisagem Vernacular no Brasil: apontamentos para a avaliação e inventário"**, em que se discute sobre propostas preliminares para a identificação e classificação de uma Paisagem Vernacular, por meio da discussão sobre operações de pré e pós trabalho de campo, em uma proposta de uma síntese regional e uma ficha de avaliação, chegando a ideia de que os levantamentos de campo dependem muito do olhar treinado dos pesquisadores, e que o "observar" é uma espécie de treinamento e acumulação de conhecimento.

A resenha desta edição destaca o livro "**Cartografia de Paisagens: fundamentos",** a segunda edição revisada e atualizada, um livro que converge para os objetivos pensados quando da proposição da seção temática proposta.

No fechamento desta edição, eis a surpresa, o decreto de 22 de junho de 2022 e sua publicação no Diário Oficial da União no dia 23, Edição: 117, Seção: 2, página 1. A ruptura do tempo pró-tempore, o professor Jones Dari Goettert, da Faculdade de Ciências Humanas, integrante a lista tríplice, signatário do projeto político que saiu vitorioso na consulta prévia realizada no ano de 2019, é nomeado como reitor da universidade. Eis que se aventa uma corrente de ar que traz com ela novos ares; um respirar profundo se faz necessário para seguirmos, condições autocráticas ainda estão presentes no cenário nacional.

Aqueles que chegaram até aqui, nossos agradecimentos. A mensagem final permanece inalterada; que o conhecimento científico seja sempre aquele a descortinar o achismo e a ignorância, aquele a eliminar os dogmas e o fanatismo. Que a poesia, a literatura, a arte e outras formas de expressão nos ajudem a ir além da lógica e da racionalidade formal, para com isso sermos mais humanos – inclusive para compreendermos com clareza a importância e o papel social da Ciência. Cada vez mais isso nos parece essencial e reforça os princípios editoriais da REL.

Que possamos incrementar, incentivar e fomentar o desejo por publicar, por se fazer ciência! Que possamos seguir acreditando em dias melhores e menos obtusos!

Charlei Aparecido da Silva

Editor da Revista Entre-Lugar

Rafael Brugnolli Medeiros

Editor da Seção Temática

Dourados (MS) – 2022.

Final de outono, o inverno se faz presente. O tempo pró-tempore parece que se findou, mas nunca é demais reafirmar aquilo que já foi dito:

"Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto porque eles são pobres, chamam-me de comunista."

Dom Helder Câmara.

E lembrar que:

Quando a universidade era para poucos era vista como local do conhecimento e do futuro; ao ser inclusiva, para os ignóbeis, tornou-se o local da balburdia.